

# Recordar Francisco Pacheco: missionário, mártir e beato

Comemorações dos 390 anos da morte (1626-2016)



*Sub crucis vexillo militare, soli Domino ac Ecclesiae Ipsius sponsae, sub Romano Pontifice, Christi in terris Vicario, servire... ad fidei defensionem et propagationem.*

Viveu pela Fé e morreu por ela. Gratuitamente, sem contrapartidas, apenas pela convicção de que a sua incumbência era essa: a missão plena, a evangelização universal com autossacrifício – o martírio *pro fide*. Nobre na origem, quis a devoção a Cristo retirá-lo da secularidade ainda pequeno. Despediu-se da família para se consagrar a uma outra – a Companhia de Jesus, que naquele tempo de expansão ultramarina levava a palavra de Deus a reinos ímpios e distantes. Prometido à verdade das Escrituras, fez-se missionário no Oriente sabendo que a pregação ditaria a sua morte. Aceitou o destino com abnegação e altruísmo martirizando-se para salvaguarda da cristandade, cujas primeiras ações doutrinárias de S. Francisco Xavier se propunha honrar. A intolerância religiosa fê-lo arder na fogueira, mas os seus ensinamentos foram permanecendo, ainda que na clandestinidade. Em 1867, foi a vez de a Igreja reconhecer o seu sacrifício a Cristo elevando Francisco Pacheco a beato. Também a terra que o viu nascer lhe tributou justas homenagens. Decorridos 390 anos da sua morte, evocamos a história de um insigne compatriota que viveu para a glória de Deus.



**1566** No Portugal quinhentista – em plena regência do Cardeal D. Henrique por menoridade de D. Sebastião – nasce na vila de Ponte de Lima, em dia incerto, Francisco Borges Pacheco. Fidalgo de geração – os pais, Garcia Lopes Pacheco e Maria Borges de Mesquita provinham de nobre linhagem – recebe uma educação profundamente religiosa, que observa com particular devoção. Todos os dias ouve missa e replica os sermões à família num púlpito imaginário. Por essa altura, promete consagrar-se a Deus como mártir da Fé. Entretanto, a visita do tio João Pereira de Mesquita acelera o rumo dos acontecimentos. Considerando a natural inclinação do pequeno para as virtudes e para as letras, decide levá-lo para Lisboa e colocá-lo sob os cuidados e a proteção dos padres da Companhia de Jesus. Ingressa assim Francisco Pacheco no Colégio de Santo Antão, onde aprende Latim, Artes, a indispensável Doutrina e os necessários bons costumes. Sem a dor da separação familiar – a aproximação a Cristo dava-lhe o conforto espiritual de que precisava – Francisco evolui rapidamente e, com 19 anos, é transferido para Coimbra onde inicia o noviciado e prossegue os estudos. Durante umas férias, parte em peregrinação a Santiago de Compostela – viagem a pé, suportada pela generosidade das esmolas, que impõe a passagem por Ponte de Lima, terra berço de Francisco Pacheco. De compleição e indumentária diferentes, poucos parentes o identificam. Apenas a mãe, que há pouco enviuvara e se via envolvida numa delicada contenda familiar, julga reconhecê-lo, suspeita que Francisco não permite clarificar fugindo de casa e da vila. O serviço a Deus é o único elo que lhe importa preservar.

**1592** Depois de cursar Filosofia e de se dedicar devotamente ao aperfeiçoamento das virtudes religiosas, parte para a Índia, missão que há muito acalenta no desejo de “empregar a vida na conversão das gentes que não conhecem o verdadeiro Deus”.<sup>2</sup> Decorridos oito meses em alto mar aportam em Goa e são recebidos pelos padres do Colégio de S. Paulo. Em território indiano conclui a formação em Teologia e é ordenado sacerdote. Mais tarde rumará a Macau, região chinesa sob administração portuguesa desde 1555, e prossegue o seu trabalho de evangelização. No entanto, o Padre Francisco anseia pelo Japão, seguindo o glorioso exemplo de S. Francisco Xavier – o apóstolo do Oriente. Finalmente, em 1604, chega à cidade de Nagasáqui, onde aprende japonês, esbatendo a complexa barreira linguística. O conhecimento do idioma permite-lhe rumar a Cami, lugar parco em doutrinação. No entanto, pouco tempo fica, pois é novamente chamado à China para exercer o cargo de Reitor do Colégio de Macau. Volvidos três anos retorna ao Japão, país com 238 mil cristãos, três colégios, uma casa de Noviciado, 34 residências e um Seminário onde se formam nobres japoneses para o sacerdócio.



Um retrato bastante positivo dos esforços de evangelização se considerarmos o elevado número de seitas religiosas e o abismo de princípios e de costumes entre ambas as culturas. Durante largo tempo, as diferentes manifestações de fé coexistem sem constrangimentos de maior até que múltiplas campanhas difamatórias de incitamento à intolerância religiosa e de estímulo à xenofobia, perpetradas pelos Bonzos – sacerdotes ou homens místicos – instigam o Imperador japonês a ordenar a total destruição de igrejas e de templos cristãos, a queima de cruzeiros, imagens e demais símbolos, a confiscação de bens e o desterro ou morte de todos os religiosos e sacerdotes que ousem pregar a palavra de Deus nos seus domínios. Nenhuma ação diplomática consegue demover o soberano.

**1614** A 7 de outubro, padres e missionários da Companhia de Jesus abandonam o território japonês, seguindo uns para Manila e outros para Macau. Entre estes últimos, encontra-se Francisco Pacheco que, na região administrativa portuguesa, continua a ocupar-se do ofício de doutrinador. No entanto, a vontade de regressar ao Japão e de asseverar a propagação da lei evangélica leva-o a disfarçar a sua compleição, deixando crescer a barba e envergando trajes tradicionais nipônicos. Assim se processa a reentrada no país. Com ele seguem diversos outros religiosos igualmente camuflados. Destemidos, prosseguem as suas missões, evitando apenas que os cristãos que os escutam e acolhem sofram a sorte da fogueira. Por isso, aceitam a generosidade alheia, mas pernoitam em covas e cavernas de montes e desertos, administrando em segredo os sacramentos. Apesar da redobrada cautela, todos os dias o Padre Francisco Pacheco vê os seus companheiros serem detidos e queimados vivos. Fixado inicialmente em Tacaco e, mais tarde, na cidade de Sacai, o sacerdote vai orientando os religiosos e cimentando a Fé. Aqui recebe a nomeação para Provincial e, na ausência física do Bispo D. Diogo Valente, é indicado para Governador Episcopal da cristandade no Japão. Francisco Pacheco pressente que o aumento da responsabilidade acentua o risco de captura e morte e começa a assinar Inácio da Cruz. O gesto, além de se assumir como sinal de devoção, traduz uma estratégia de disfarce. Nesse período rumam a Cuchinozu, onde os cristãos gozam de alguma tranquilidade e do aparente amparo do governante local. Naquela vila institui a Irmandade de Santo Inácio e ali vive durante quatro anos. Mas a intolerância religiosa não abranda e o Padre Francisco Pacheco, apesar de inúmeras vezes instado a fugir, é capturado, assim como dois companheiros de fé, três famílias que com ele se relacionam e um servente chamado Paulo. Aportados em Ximabara, cidade localizada na província de Nagasáqui, Francisco Pacheco e outros sacerdotes são encarcerados na fortaleza em condições pouco condignas. Privados de liberdade e sem recurso a hábitos, ornamentos, breviários e livros espirituais, vão suportando a prisão com orações, jejuns e penitências, sendo Francisco Pacheco o mais devoto e abnegado de entre os detidos. A fé e a coragem daqueles homens parecem sensibilizar os guardas que os tratam com brandura e lhes colocam questões de doutrina cristã, circunstância que agrava as torturas infligidas aos religiosos. A chegada de Midsuno Cavachi, presidente de Nagasáqui e inimigo feroz dos cristãos, precipita os acontecimentos. Volvidos sete meses de cárcere – a 20 de junho de 1626 – o Padre Francisco Pacheco e os restantes companheiros são levados para o Monte Santo – nome popularmente atribuído pelos sacrifícios ali perpetrados – atados em fortes esteiros de madeira e incendiados diante de uma vasta assistência composta por altos dignitários, além de homens e mulheres de aldeias vizinhas. Reduzidos a cinza, o provincial do Japão e os seus companheiros são imediatamente lançados ao mar para assim se evitar a perpetuação de lugares físicos de culto. No entanto, a barbárie cometida sob o jugo da intolerância religiosa não impede que, séculos adiante, permaneçam alguns resquícios da presença portuguesa em território japonês e, muito particularmente, das ações de evangelização cristã concretizadas na manutenção de alguns cânticos e recitações em português e na conservação de medalhas antigas legendadas no idioma de Camões que atravessam o tempo e cruzam gerações. Por seu turno, o Padre Francisco Pacheco, pela coragem, resiliência, fé, altruísmo e espírito de abnegação, é beatificado, a 07 de julho de 1867, pelo Papa Pio IX, num claro reconhecimento da sua martirização por devoção a Cristo. Mas não só a Igreja Católica lhe consagra veneração. Por todo o lado, a sua heroica missão de promulgação do sagrado Evangelho e de total consagração a Deus vale tributos, pedidos e orações de dedicados fiéis. Sobretudo a vila natal de Francisco Pacheco não esquece o seu martírio e dedica-lhe uma capela na Matriz de Ponte de Lima – a sua igreja maior – além de outras honrarias sintomáticas de uma terra que enaltece e glorifica os seus notáveis.



Fontes bibliográficas:  
BORJA MEDINA, Francisco de – *Métodos misionales de la compañía de Jesús en América Hispánica y Filipinas* [Em linha]. [Consult. 19 maio 2016]. Disponível na Internet: <http://dd4fcaufv.es/bistram/handle/10641/680/M%C3%A9todos%20misionales%20de%20la%20compa%C3%B9a%20de%20Jes%C3%BA%20en%20Am%C3%A9rica%20Hispana%20y%20Filipinas.pdf?sequence=11>  
D'ABREU, João Gomes – *Beato Francisco Pacheco - subsídios biográficos*. Anjo do Ponte de Lima. Ponte de Lima. Vol. 5 (1984), p. 381.  
D'ABREU, João Gomes – *Beato Francisco Pacheco - subsídios biográficos*. Anjo do Ponte de Lima. Ponte de Lima. Vol. 6 (1985), p. 359-371.  
URBANO, Carolina Miranda – *A beatificação da História e o passado de Bartolomeu Pereira SJ*. *Luzes e Sombras* [Em linha]. N.º 61 (2009). [Consult. 23 maio 2016]. Disponível na Internet: <http://www.ucp.pt/rluc/eclasicos/publicacoes/ficheiros/humanitas61/61\_12>  
LÉÃO, Jorge - *Henrique Cardoso – A companhia de Jesus e a evangelização do Japão no século XVI: as principais estratégias empreendidas pelos jesuítas e a questão dos auxiliares autóctones*. *Revista Ultramarina* [Em linha]. Vol. 1, n.º 4 (Ago./Set. 2013). [Consult. 23 maio 2016]. Disponível na Internet: <https://docs.google.com/viewer?a=v&id=sites&scid=ZGVmYXV4dGRvYWRpbm9yZXp3c3RldW9kcmF0YXJlcy83bW9uZWNlOjZlY2ZlY2ZlZWVh>. ISSN: 2316-1655.  
Gigante do Vale do Lima: o Santo: Beato Francisco Pacheco [Em linha]. [Consult. 23 maio 2016]. Disponível na Internet: <http://www.valcolima.com/PT/pontedelima.html>

